

CONFERÊNCIA DE ELVAS
SITUAÇÃO E POLÍTICA INTERNACIONAL

1. Agradeço o convite que me fizeram para usar da palavra - por ocasião da inauguração da exposição que irá ter lugar sobre a situação do Mundo e a problemática internacional, após a Guerra do Iraque.

2. A situação do Iraque foi mais do que um erro. Foi um crime irreparável. Em primeiro lugar para o Iraque e para países como o Líbano, o Afeganistão e o próprio Paquistão. Depois, reforçou o terrorismo islâmico, em vez de o destruir. Determinou em todo o Médio Oriente uma situação de desconforto e crispação, que está longe de ser vencida. Agravou o conflito Israelo-Palestiniano. Criou uma crise nos Estados Unidos difícil de reparar. E teve reflexos muito negativos na União Europeia. A tristíssima Cimeira dos Açores - que pretendeu legitimar a invasão, com falsas razões, constituiu uma vergonha e um ferrete para todos que nela participaram. Mas isso é o passado...

3. Quanto a mim, o que avulta hoje relativamente à problemática internacional é que o Mundo - e o Ocidente em particular - atravessam uma fase de transição e de grande insegurança. Em vários domínios. Daí a imprevisibilidade dos próximos tempos. Vejamos.

4. No plano económico, em plena crise financeira internacional, estamos à beira de uma recessão económica internacional, que começou na América (quando era ainda a hiperpotência dominante) e que se está a reflectir na União Europeia e no resto do Mundo. O ano corrente, 2008, é decisivo para sabermos se vai agravar-se ou começar a ser superada. O que não depende só do Ocidente, mas de múltiplos factores internacionais, dos países emergentes e ainda do aumento ou baixa do preço do petróleo.

5. O capitalismo especulativo, dito neo-liberal ou de casino, está a entrar em colapso, dado que a economia especulativa tem hoje pouco a ver com a economia real. Fazem-se e perdem-se grandes fortunas, nos paraísos fiscais e off-shores, onde circula impunemente o chamado dinheiro sujo, proveniente da droga e de outros comércios ilícitos (tráfico ilegal de armas, de órgãos humanos, de prostituição, etc.), enquanto a economia real está a gerar desemprego, estagnação do crescimento, inflação, crise nas bolsas internacionais, "bolhas imobiliárias", crédito mal parado e irregularidades e falências de instituições bancárias e de seguros, antes consideradas impecáveis, como o City Bank ou a Société Générale...

6. As instituições financeiras internacionais - que não dependem das Nações Unidas, como deviam - como é o caso do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional têm-se revelado obsoletas e incapazes para fazer frente à crise financeira em curso. Bem como a Organização de Comércio Mundial, também fora do âmbito das Nações Unidas, onde os necessários consensos com os países emergentes e em vias de desenvolvimento se têm revelado cada vez mais difíceis de estabelecer.

7. Em tempo de globalização - não só económica mas também científica, tecnológica, informática e do fenómeno novo que resulta de começar a esboçar-se uma opinião pública mundial - os grandes problemas que afectam o Mundo não encontraram ainda uma resposta global, que só pode vir de uma nova reestruturação da ONU e, em especial, do Conselho de Segurança. O que cria um vazio de consequências gravíssimas. O G7 - ou G8 - não passa de um directório dos países ricos, que não tem qualquer legitimidade para orientar o Mundo, como a experiência dos últimos anos mostra.

8. Quais são os problemas que mais afectam o Mundo de hoje e que a não serem resolvidos, em tempo razoável, põem em risco a sobrevivência da Humanidade? Diria, por ordem de importância:

a) As questões ambientais e de defesa do nosso Planeta ameaçado, cujos desequilíbrios põem em risco a sobrevivência da Humanidade: buraco do ozono; aquecimento da terra e alterações climáticas, poluição das águas dos rios e das lençóis friáticos e sua progressiva escassez; desertificação das terras; contaminação dos Oceanos, transformados em autênticas lixeiras; ameaças à biodiversidade; progressivo desaparecimento das florestas que representam o pulmão da Terra; desordenamento urbano, sobretudo nas regiões costeiras e nos estuários dos rios; etc., etc.

b) A fome, a má nutrição, a pobreza endémica que afectam mais de dois terços da Humanidade, quando a Ciência e a Tecnologia têm meios de resolver facilmente esses problemas, desde que houvesse vontade política dos responsáveis para o conseguir.

c) A violência - a educação para a violência que os media internacionais todos os dias propagam - os conflitos, as guerras e o terrorismo islâmico global que se eternizam, o comércio ilimitado de armas, a começar pelas nucleares, que as alimentam, perante a incapacidade de lhes pôr termo demonstrado pelas grandes potências e pelas instituições internacionais.

d) As pandemias, como a SIDA, e outras doenças que foram quase erradicadas, e que regressam, como a tuberculose e a malária, os déficits alimentares e a má alimentação fast food, que gera a obesidade, que progride, é outro dos desafios que só pode ter uma resposta global.

e) O fanatismo religioso e político, a perda de valores nas sociedades consumistas e hedonistas do nosso tempo, o desprezo pelas questões sociais e ambientais, põem em perigo os objectivos ambientais, sociais e o respeito pelos Direitos Humanos.

9. Estamos assim perante uma crise mundial muito grave - comparável à que se viveu no começo da II guerra mundial, após as avassaladoras vitórias de Hitler e, depois, do militarismo japonês - quando alguns pessimistas previam "uma regressão por mil anos". Mas então, como agora, não podemos - nem devemos - perder a esperança e deixar de lutar pelos valores do humanismo universalista, que vem sendo a ser construído desde o iluminismo.

10. O Mundo voltou a ser multilateral. O império americano, como tal, está em vias de desaparecer. As soluções para os problemas que nos afectam não dependem só - como se pensava no princípio do actual século - do Ocidente (Estados Unidos e Europa). Hoje, dependem também dos países considerados emergentes: Rússia, China, Índia e Brasil. E também, no plano regional e até global, de muitos outros países como o Japão, o México, a Indonésia, a África do Sul, o Irão, o Egipto, o Canadá, a Turquia, etc. Quer isto dizer que o Ocidente deve perceber que tem de dialogar com todos esses países e mesmo outros - ouvi-los, entendê-los - se quiser reduzir o terrorismo e assegurar a paz, mediante o reforço das Nações Unidas e da sua reestruturação.

11. Temos que voltar aos grande objectivos do Milénio. Muito depende ainda da América do Norte - na fase pós-eleitoral e depois de eleito um novo Presidente, seja quem for. As políticas internas e externas americanas têm que mudar, radicalmente. Ou entrará em profunda decadência. As da União Europeia, também, definindo uma estratégia autónoma em relação à dos Estados Unidos, embora mantendo a nossa parceria e reforçando-a mesmo. Mas a União Europeia deve também ter a coragem, finalmente de definir o rumo que vai seguir, nos próximos anos, quer no plano institucional quer como actor global, na cena internacional.

Se assim não acontecer o Ocidente - e a chamada civilização ocidental - entrarão em inevitável decadência, num mundo dividido, em que cada um luta por si, deixando sem resposta os problemas globais (citados atrás), que tanto nos afligem.

12. E Portugal? Portugal, felizmente, faz parte de pleno direito da União Europeia e deve lutar para ser nela um país desenvolvido e justo. Mas deve lutar, também para que a União Europeia venha a ser reconhecida, como tal, como uma grande potência, integrando democracias sociais e ambientais, e que seja, no Mundo, uma referência de paz, de boa convivência, de defesa dos Direitos Humanos.

Elvas, 15 de Março de 2008